

LEANDRO MAZZINI
COLUNA
ESPLANADA



TSE E OS PARTIDOS

■ Se o Tribunal Superior Eleitoral liberar a assinatura eletrônica como uma das medidas viáveis para a criação de partido, o Brasil poderá ter cerca de 100 legendas. Isso porque, atualmente, o País já tem 32 partidos registrados, sendo 26 com representação na Câmara Federal e no Senado. Outros 77, incluindo o do presidente Jair Bolsonaro, Aliança para o Brasil (APB), estão na fila para serem habilitados. Um disparate se comparado ao número de partidos em outros países, com na França (14), Reino Unido (13) e Chile (9). Críticos do inchaço de siglas, ministros do TSE tendem a rejeitar a liberação da assinatura eletrônica. O Ministério Público Eleitoral se posicionou contra.

Terra de Dória

■ Presidenciável declarado, o governador Wilson Witzel (PSDB), do Rio, palestra amanhã e quarta no 2º Fórum Nacional da Inteligência Aplicada para o Combate à Criminalidade, em São Paulo.

Vitrine

■ Aliás, a cada dia mais Witzel e João Dória (PSDB) - outro que sonha com a presidência - reforçam agenda nacional de participações em eventos, seminários e afins.

Já sabíamos

■ Auditoria do TCU constata o uso político de emendas parlamentares-recursos públicos que deputados e senadores destinam para obras e projetos em seus estados. No Acórdão 2704/19, o ministro relator Vital do Rêgo cita que, embora as emendas sejam de execução obri-

gatória, podem ser alvo de contingenciamento, como qualquer despesa discricionária, com vistas ao cumprimento da meta de resultado primário.

Sim, sim..

■ Em outro trecho, escreve que os governos de modo geral “têm utilizado a liberação de emendas como parte do processo de negociação, quando podem acenar com a possibilidade de ‘descontingenciamento’ de recursos para emendas parlamentares, com o objetivo de obter apoio para ações que dependam de aprovação legislativa”.

Fachada

■ As investigações da Lava Jato que levaram à prisão o ex-deputado federal André Vargas, ex-vice-presidente da Câmara, terão desdobramentos. A CGU instaurou processos

Sobe lá!



REGINALDO PIMENTA

■ Assim que soube da presença de Witzel - seu desafeto político - na comitiva oficial do Flamengo, no avião que trouxe o time de Lima, o presidente Jair Bolsonaro ordenou que caças da FAB escoltassem o Boeing no espaço aéreo do Estado, e mandou mensagem.

para apurar pagamentos de vantagens indevidas pelas empresas Sagaz Digital Produções de Vídeos e Filmes Ltda., Soundzila Music Monsters Produções Audiovisuais Ltda., BRVR Filmes Ltda. e Conspiração Filmes S/A.

Extrato

■ A investigação mira contratos firmados com a Caixa e o Ministério da Saúde, entre 2010 e 2014, nos quais as empresas - agora investigadas - foram subcontratadas e teriam pago valores mediante depósitos em contas de empresas de fachada para beneficiar o ex-deputado petista.

Autofagia

■ Amigos em Belo Horizonte do (por ora) ministro do Turismo, Marcelo Álvaro, dizem ter recebido neste fim de semana mensagem dele por whatsapp, irado com uma aliada. “Deputada Alê Silva envergonha a direita brasileira e se alia a PSOL, PT e Folha de São Paulo para tentar derrubar ministro de Bolsonaro”.

Alta cota

■ Em meio à euforia dos

militantes e convidados, o presidente Jair Bolsonaro fez questão de procurar o empresário Paulo Octavio, dono do hotel Royal Tulip onde foi a primeira convenção do APB, e dar-lhe um abraço. Bolsonaro sabe onde pisa. O ex-senador hoje comanda o PSD local, e é ouvido por todos os líderes de partidos.

Plim Plim

■ A reestruturação do Grupo Globo, com dezenas de demissões nas empresas de - especialmente no jornalismo - é uma das pontas do iceberg da situação. A Globo Paraná - onde a família Marinha é sócia (minoritária) com as famílias Cunha Pereira e Lemanski - está à venda por R\$ 900 milhões. A contra-proposta do grupo interessado foi de R\$ 400 milhões.

Erramos

■ Jair Renan Bolsonaro, filho mais novo do presidente Bolsonaro, não pode se candidatar a vereador, conforme citamos. Está inelegível em face ao cargo do pai.

ESPLANADEIRA

■ **Abriu em Águas Lindas de Goiás**, no entorno do DF, a casa de shows Brahma Bar, com patrocínio da cervejeira.

■ **Morreu o presidente** da Adepol do Brasil, o ex-delegado Carlos Eduardo Benito Jorge. Registramos nossos pêsames.

Publicada diariamente em 51 jornais de 25 estados, em capitais e interior
Com Equipe DF, SP e PE / reportagem@colunaesplanada.com.br. Twitter @colunaesplanada / Facebook : Coluna Esplanada. Leia mais em odia.com.br

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Três olhares sobre a Síria

“Vi, após atentados, pessoas sem braços, pessoas sem pernas e outras com as caras queimadas”. Quando olhamos para o Médio Oriente, por vezes, temos a sensação de que o inferno é na terra e que o conflito não tem fim. É impiedoso, mas indecifrável. Como é que se chegou até aqui? Estaremos mesmo à beira da derrota do terrorismo? Proponho explorar a situação atual da Síria à luz de três olhares essenciais.



Diana Vasconcellos
é pós-graduada em Diplomacia e licenciada em Ciências Políticas e Relações Internacionais pela Universidade Católica Portuguesa

A identidade árabe encontra a sua maior influência bem enraizada numa das mais longas dinastias na história, no Império Turco Otomano. Esses seiscentos anos moldaram a política, religião, e forma de vida árabe. Contudo, a derrota na Primeira Guerra Mundial marcou o fim do Império. Vários historiadores consideram esse um dos momentos chave na história árabe: o momento em que alguém precipitadamente pega num lápis e numa régua e divide o Império em colônias para os aliados. Hoje, três gerações depois, a amarga disputa para retificar estas fronteiras ainda está no epicentro dos conflitos regionais.

Entre 1945 e 1970 a Síria viveu a ascensão e queda de vários regimes, foi alvo de golpes de estado e esteve sobre controle militar. A confusão, a desconfiança e o terror dominou esse período. À determinada altura, até foi apontado como ministro da defesa um espião israelita infiltrado — coisas que aprendemos na Netflix. Na origem dessa instabilidade política esteve a criação de uma desvirtuada noção de nacionalismo sírio, ‘o árabe sunita’, que afastou as minorias do debate político e as radicalizou.

Hafez al-Assad sobe ao poder em 1970 tomando partido do seu destacamento militar. Em 2000, a sua morte assinalou a pacífica passagem de poder para o seu filho, Bashar al-Assad. Esse declara inicialmente que será que um líder diferente, conciliador e moderno, e que se irá legitimizar por meio de eleições. No entanto, e para grande surpresa, rapidamente o regime regressou a um sistema autoritário. Num ambiente regional tenso marcado pela Primavera Árabe, falhas políticas e sociais desencadeiam demonstrações nas quais os manifestantes exigiam o afastamento do presidente. Assad responde com força, mas a repartição dos rebeldes em grupos hostis aumenta incapacidade de controle da situação.

Na tentativa de enfraquecer o poder de Assad, os rebeldes tomaram controlo de algumas regiões e de setores estratégicos para país, nomeadamente o petrolífero. Dividem-se em dois ramos, ainda que a questão seja mais complexa que isso: os que lutam pela sua pátria e que procuram depor o regime de Assad e os jihadistas, que procuram criar uma dar ul-Islam, um novo estado. O projeto desses últimos é ambicioso e radical, estendendo-se para além da Síria e do mundo árabe. Os dois grupos jihadistas mais perigosos na Síria são os Hayat Tahrir Al-Sham - forças ex-Al-Nusra, do grupo Al-Qaeda dedicadas primariamente a atacar o Ocidente e o mais que conhecido ISIS - Estado Islâmico do Iraque e de al-Sham, que tem como principal objetivo estabelecer um califado e implementar a Lei Sharia, enraizada no Islã do século VIII.

A MORTE DO TERRORISTA

Acredito que todos suspiramos de alívio



As Nações Unidas identificaram em 2016, 13,5 milhões de refugiados somente da Síria

ao acordar com a notícia de que o líder da mais temida organização terrorista estava morto. Realmente a morte de Abu Bakr al-Baghdadi, fundador e líder do autoproclamado Estado Islâmico, é um golpe esmagador para a já enfraquecida organização. Mas verdade seja dita, a morte de Baghdadi deu pouco de alívio aos sobreviventes. O deslocamento, desalojamento, a morte e a destruição continuarão a atrapalhar qualquer um nos próximos anos. A grande questão agora é se a sua morte jogará ou não a favor da Al-Qaeda. As duas organizações partilham ideologias muito semelhantes - tendo em conta que o ISIS é o resultado de um rebranding, do que foi um franchise da Al-Qaeda no Iraque e que em 2014 passou a ser um grupo independente. Esse afastamento foi em larga medida o fruto de um confronto de egos entre os seus líderes, mas essa rivalidade deverá ter-se evaporado com a morte de Baghdadi. O vácuo político proporciona à Al-Qaeda a oportunidade ideal para reunir as forças.

Como consequência da morte de Baghdadi, as dinâmicas políticas podem se alterar ou até diminuir temporariamente. Quer no caso de Bin Laden, quer no caso de Baghdadi, as suas mortes podem ter provocado uma pausa, um momento de lucidez e terror, de compreensão de que ninguém é invulnerável e de que ninguém é invencível. Porém, naquela que é a luta eterna dos jihads, um momento como esse é curto e não passa de uma inconveniência.

A morte de Osama bin Laden não trouxe o fim do terrorismo e a morte de Baghdadi também não o trará. Atenção, o jihadismo não é um fruto de anos de intervenção americana ou o resultado de um choque de civilizações. Desde do momento que o mundo árabe foi dividido em colônias que existem forças que vêem a violência como necessária para erradicar os obstáculos à restauração do governo de Deus na Terra e à defesa da comunidade muçulmana. O jihadismo não é um fenómeno recente, e assim sendo, nem o ISIS é o primeiro nem será o último grupo insurgente a promover uma visão apocalíptica do mundo.

A HISTÓRIA DE KHALIL HAMZA

Enquanto que a morte de Baghdadi foi especialmente um dos eventos mais

noticiados dos últimos tempos, há outras caras, outras forças dessa guerra que embora representem milhões de pessoas, não são tão noticiadas. Ninguém quer ler a mesma notícia vezes sem conta. Mas, e se se tratar de um movimento - um evento sem fim? Possivelmente também não. As Nações Unidas identificaram em 2016, 13,5 milhões de refugiados somente da Síria. Eu vou contar a estória de um.

Khalil Hamza, com 15 anos, deixou para trás toda a sua vida em março de 2013. Até esse dia estudou e trabalhou. Viu pessoas morrerem na sua praça preferida. Viu, após atentados, pessoas sem braços, pessoas sem pernas e outras com as caras queimadas. Está grato por sua família estar bem e ter conseguido chegar à Grécia. Hoje Khalil tem 21 anos e viveu os últimos sete entre campos. Passou primeiro por Samos e descreve as condições como ‘extremamente más’. Explica que havia ressentimento, ameaças e racismo por todo o lado e entre todas as religiões e raças. Hoje no Campo Eleonas, em Atenas, estuda, mas não terá um diploma. Ainda não tem passaporte nem identificação e por esse motivo não pode sair de Atenas. Quanto ao seu futuro Khalil quer graduar-se e receber um diploma que o comprove e quer trabalhar com qualquer coisa, desde que possa ajudar a sua família. É tímido, mas doce. Durante a entrevista procurou sempre responder rapidamente antes que as lágrimas caíssem, e com alguma ansiedade de acabar, perguntava imediatamente pela próxima pergunta.

Khalil passou pelo inferno e escapou com vida e com família. Na verdade, essa é uma estória de sucesso. Passado sete anos continua no ponto zero, sem nada, angustiado por recomeçar a viver. Sonha em ir para a Holanda e em poder fazer aquilo que gosta, costura.

Por fim, queria reforçar que apesar de esse conflito ser por vezes descartado, não devia. A Guerra Civil da Síria tem dominado a geopolítica, tem colocado frente a frente e testado alguns dos mais poderosos do mundo, como os Estados Unidos, o Irã, a Rússia e a Turquia. Esse conflito marcará pelo menos uma década de relações internacionais, correntes de filosofia política e a vida de milhões envolvidos.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

PRESIDENTE:
Luiz Alberto Albuquerque

DIRETORA DE REDAÇÃO:
Carla Alves

EDITOR-CHEFE:
Marco Antonio Rocha

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfca
Gerência Industrial: 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfca, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9812-2227.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h

às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editor O DIA LTDA. Rua dos Invalidos 198, 2º andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).